

A amálgama do culturalismo

Publicação: [O Mundo em Português Nº 63](#)

Data de Publicação: Outubro/Novembro 2006

Autor: Gema Martin-Muñoz

É frequente escutar apelos à necessidade de impulsionar o «diálogo entre culturas». Antes de mais, uma constatação – as culturas não falam, quem fala são os indivíduos. Mas o repetido lema do «diálogo de culturas» não é só uma mera formulação incorrecta que se deixou arrastar pelo afã de um título atractivo e atraente. A sua menção evoca a relação entre o universo ocidental e o do islão, e nela repousa uma carga ideológica que nos indica até que ponto, consciente ou inconscientemente, recreámos uma relação que se baseia num «nós» perante «eles». Interiorizou-se uma imagem redutora e monolítica de «nós» e «eles» (as duas «culturas») como se se tratasse de universos fechados e isolados, onde os milhões de seres humanos que se dividem entre «ocidentais» e «muçulmanos» representassem uma total uniformidade cultural, alheia, quando não antagónica, uma à outra. Dessa visão radicalmente binária emana uma noção hierárquica de superioridade e inferioridade. Por isso se reivindica, no melhor dos casos, a «tolerância», termo carregado de insultante paternalismo.

Esta concepção das «culturas», quando se trata da relação entre o mundo muçulmano e «nós», é fruto de um processo de elaboração ocidental no qual o islão, e , portanto, os mais de mil e duzentos milhões de indivíduos que o professam, é interpretado de forma fictícia como uma etiqueta ideológica e uma força dominante e global que determina e uniformiza o comportamento e a definição cultural de toda essa enorme quantidade de pessoas. Todos são Um, ignorando a grande variedade de formas de vida, a diversidade de Estados, histórias e culturas que ocupam uma imensa geografia que se estende pela África e pela Ásia (para além dos milhões de muçulmanos que vivem, e nasceram, em países ocidentais).

Como consequência da centralidade mediática mundial dos conflitos do Médio Oriente, e dos interesses de alguns actores locais e internacionais em demonizar o universo do islão, o perfil desse Um islâmico que representa Todos é dominado por características como o fanatismo, o fundamentalismo, o ódio exacerbado e a irracionalidade. Ou seja, em vez de nos relacionarmos com culturas e religiões reais, pensamos que temos de

lidar com uma deformação patológica que se chama «islão» e «muçulmanos». A combinação de hostilidade e reducionismo que alimenta esta representação de um «homo islamicus» ameaçador, retrógrado e violento faz com que este passe a ser objecto de uma atenção terapêutica e punitiva, e mesmo, como denuncia o pensador palestino Edward W. Said, «assassinável» 1. Assim se abre o caminho a empreitadas imperiais e colonialistas nessa importante parte do mundo.

Na aproximação a essa cultura monolítica que a maioria social ocidental pensa que representa os povos muçulmanos, existe também um abuso do conceito de decadência. Assume-se, com uma total ausência de conhecimentos, provas e argumentos, que esses povos vivem numa prolongada decadência que os deixa ancorados ao passado e afastados da marcha mundial. Sem negar as carências do mundo árabe e muçulmano, próprias do subdesenvolvimento económico e do monopólio clânico do poder – semelhante ao que sucede noutras partes do mundo – esta importante parte do planeta não deixou de participar no processo evolutivo histórico, e aqui se alcançaram progressos e transformações modernizadoras, aqui existem dinâmicas criadoras, com contributos filosóficos, culturais, intelectuais e artísticos. O problema é que desconhecemos estas dimensões, pois existem fortes resistências a integrar o campo cultural árabe e muçulmano no mosaico mundial. Pelo contrário, o «fenómeno da decadência» faz parte de um pacote essencialista e determinista que criámos sobre «eles» e que só utilizamos numa perspectiva comparativista, de superioridade-inferioridade, em relação à «nossa» cultura, imposta como modelo universal.

Não deveria ser difícil imaginar o sentimento de angústia que sente qualquer árabe e muçulmano perante a implacável insistência em apresentar a sua fé, a sua cultura, a sua identidade, como fontes inerentes de decadência, terrorismo, violência e fundamentalismo. E ao constatar como o confronto culturalista imaginário que emana dessas representações dilui e oculta as provocações do Ocidente aos árabes e muçulmanos, causa real da exacerbação das relações entre os dois mundos.

No mundo árabe e muçulmano existe um grande sentimento de frustração, bem como, de acordo com a definição do escritor libanês Samir Kassir, um profundo sentimento de infelicidade² menosprezar os seus efeitos, esses sentimentos não têm como origem só a experiência de subdesenvolvimento, mas também a vivência histórica da impotência e da desposseção. Na verdade, o fim da era colonial não acabou, no Grande Médio Oriente, com o imperialismo europeu. Pelo contrário, esses territórios e os seus povos continuaram a padecer, até hoje, com as estratégias de poder que a sua geografia atrai permanentemente. O domínio estrangeiro, aparentemente concluído com a Segunda

Guerra Mundial, perpetua-se, e é perante esta ameaça que as suas populações estão tão desprotegidas como o estavam no fim da Primeira Guerra Mundial, quando se deu a repartição colonial entre os europeus. A ocupação dos seus territórios, e todos os mortos que provocou, e a vivência contínua de humilhação e dominação é uma experiência constante desde há mais de um século.

É necessário ter em consideração, por outro lado, o contexto particular em que se incrustou essa frustração. As populações árabes e muçulmanas são maioritariamente urbanas, com grandes franjas de jovens com acesso à educação, pelo que se trata de sociedades em que existem parcelas significativas de indivíduos muito politizados. Para além disso, têm uma memória colectiva muito viva em relação à sua pertença a uma parte determinante do mundo (berço de grandes civilizações, com uma situação estratégica de grande valor geopolítico e uma grande acumulação no seu solo das principais fontes de hidrocarbonetos do mundo), o que lhes deveria dar influência e bem-estar, mas cujos benefícios permanecem, há mais de um século, completamente fora do seu controlo. Tudo isto são factores sociológicos e psicológicos que agravam o sentimento de despossessão.

A total ineficácia política (da comunidade internacional e dos governos locais) para que se aplique a lei internacional (resoluções da ONU, convenções humanitárias e de Direitos Humanos) nesta zona do mundo também contribui para acentuar a cultura do desespero. E a tudo isto se junta o universo das percepções e dos olhares dos Outros: o sentimento de «impotência para ser o que se pensa que se deve ser, para afirmar a vontade de ser perante o outro que os nega, despreza e, de novo, domina. A impotência para calar o sentimento de que não sois mais do que quantidade descartável no tabuleiro planetário quando, porém, a partida se joga no vosso território»³.

A complicada alquimia de todos estes sentimentos fortalece o vitimismo muçulmano (por que nos odeiam?) e o risco de que caiam na complacência, fechando-se sobre si mesmos, no seu rancor e na sua frustração. Pelo contrário, o que se impõe é uma profunda reflexão e uma acção no universo muçulmano para sair desse pernicioso círculo fechado de «nós» e «eles». Cada vez que no mundo ocidental há uma provocação à sua religião ou à sua cultura, a sua resposta não pode limitar-se a reacções emotivas e virulentas (muitas vezes manipuladas ou consentidas, pois enquanto se manifestam contra o Ocidente não se expressam contra a falta de Estado de Direito ou de democracia nos seus próprios países). Os académicos e intelectuais muçulmanos devem responder de forma serena, racional e científica (o que falta às provocações ocidentais) a essas opiniões essencialistas e culturalistas sobre o seu

universo muçulmano, mobilizar-se com a razão e a ciência na mão, com argumentos e constatações empíricas. E devem constituir um lobby inteligente, que consiga chegar à opinião pública ocidental. Este é também um desafio que os diversos intelectuais e pensadores muçulmanos ainda não souberam enfrentar. E, o que é muito importante, colocar toda esta questão «cultural» em termos do necessário respeito pela dignidade do ser humano em relação ao seu legado histórico, cultural e religioso.

Se não se reconduz a história a esta parte do mundo, permitindo que os seus cidadãos controlem o seu próprio destino, e não se aprofunda um conhecimento ocidental mais real da sua diversidade e criatividade, o bem engendrado «diálogo» será mais um fracasso a juntar às relações entre o Ocidente e o mundo muçulmano.

1 Covering Islam. How the Media and the Experts determine how we see the Rest of the World.

Nova Iorque, Vintage, 1997.

2 Considérations sur le malheur arabe. París, Sindbad, 2004.

3 Samir Kassir, op. cit. pg. 16.